

A alegria, a graça e a felicidade segundo Clément Rosset¹

Joy, grace and happiness according to Clément Rosset

José Thomaz Brum

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Traduzido por

Dax Moraes¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar as concepções de alegria, graça e felicidade nas obras de Clément Rosset.

Palavras-chave: Alegria; Graça; Felicidade; Clément Rosset

Abstract: This paper aims to present the conceptions of joy, grace and happiness in Clément Rosset's works.

Keywords: Joy; Grace; Happiness; Clément Rosset

A alegria

A alegria é um tema constante na obra de Clément Rosset. Em seu primeiro livro, *La philosophie tragique [A filosofia trágica]* (1960), podemos ler: "A alegria deve ser buscada não na harmonia, mas na dissonância!"². Em *Le monde et ses remèdes [O mundo e seus remédios]* (1964), nós encontramos:

Há, de fato, uma única forma de aquiescência ao real, que consiste em uma potência puramente "irracional", isto é, uma pura "dádiva" que não procede de nenhuma causa nem de razão alguma, trata-se da alegria, ou, se se preferir, do absurdo dinamismo vital, um imotivado desejo de ser³.

¹ N.T.: Originalmente publicado sob o título *La joie, la grâce et le bonheur selon Clément Rosset* no periódico francês *Alkemie: Revue semestrielle de littérature et philosophie*, n. 11 (Dossiê temático "Le Bonheur"), junho de 2013, p. 54-56.

² ROSSET, *La philosophie tragique*, 50. N.T.: Ver também p. 69: "Pour les musiciens: ré-fa-la c'est l'harmonie. Si bemol c'est le tragique. Ré-fa-la-si bemol c'est l'accord dissonant, c'est l'homme" [Para os músicos, ré-fá-lá é a harmonia. Si bemol é o trágico. Ré-fá-lá-si bemol é o acorde dissonante, é o homem] (*apud*: BRUM, J. T. Clément Rosset e Schopenhauer. In: Carvalho, R.; Costa, G.; Arruda, J. M. (Orgs.). *Nietzsche-Schopenhauer: gênese e significado da genealogia*. Fortaleza: UECE, 2012. p. 14, n. 4).

³ ROSSET, *Le monde et ses remèdes*, 165. N. T.: Uma segunda edição, levemente revista pelo autor, foi publicada em 2000, na qual o trecho citado pertence ao Epílogo, p. 157.

¹ Professor Adjunto no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN. E-mail: oejeblik@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7634-3611>

Em *Le réel: traité de l'idiotie* [O real: tratado sobre a idiotia] (1977), a alegria [joie], (*allégresse*)⁴ é compreendida como “o amor do real”⁵ e Rosset afirma que ela supõe “um sentimento do real”⁶. *L'objet singulier* [O objeto singular] (1979), por sua vez, nos adverte: “A intensidade da alegria pode ser medida pela quantidade de saber trágico que ela implica”⁷. Em cada um desses registros nós encontramos o “pensamento maior” de Rosset: a alegria que importa ao homem não é um contentamento que produza o esquecimento, a fuga perante o real. A alegria que nos é preciosa consiste em uma força de admissão da grande “verdade amarga” que perturba a vida: a morte.

Clément Rosset desenvolveu em seus livros uma filosofia da alegria como uma “noção capaz de dar conta desse paradoxo da perpetuação da vida no seio da morte”⁸. Eis porque a noção de alegria não é, em Clément Rosset, algo de frívolo ou etéreo. “Força maior”, como diz o título de seu livro de 1983, a alegria é a única maneira de aceitar a existência em sua efemeridade e sua perecibilidade, e de *desejá-la* como tal⁹.

A graça

Se lemos Rosset atentamente, chegamos à conclusão de que a alegria se liga a outra noção: a de graça. Em *Le monde et ses remèdes*, Rosset afirma: “Essa aquiescência à vida – que é uma ‘graça’ – é a única forma de adaptação ao real, pois consiste em uma lucidez incontestável”¹⁰. Rosset, aqui, une o pensamento da alegria e o pensamento lúcido, pois se trata de afrontar a “náusea” produzida pelo pensamento sobre a morte; o pensamento que “perturba a degustação do real”¹¹. Se “o conhecimento da morte desfaz todas as bem-aventuranças [*bonheurs*] da terra”¹², como podemos continuar a viver? Como podemos afirmar uma existência “destinada à morte”¹³?

Há, na obra de Clément Rosset, um texto privilegiado para abordar essa questão: é o “Epílogo” de *Le réel: traité de l'idiotie*, antes publicado sob o título “Savoir philosophique, savoir de la mort” [Saber filosófico, saber sobre a morte]¹⁴. Esse texto pode ser considerado como a síntese mais profunda de Clément Rosset no que concerne à alegria. Nele, Rosset apresenta a *graça* como a única noção capaz de afirmar a vida sem eliminar o pensamento

⁴ N.T.: Parênteses do autor, a quem agradeço pela indicação da seguinte elucidação feita pelo próprio Rosset em uma entrevista concedida a Jean-Louis Maunoury: *allégresse*, ou *joie*, “implique quelque chose de plus stable, plus durable [...] la gaieté me semble plus tributaire de l'occasion alors que la joie et l'allégresse ne dépendent pas de l'occasion” [implica algo de mais estável, mais durável [...] o contentamento parece-me mais tributário da ocasião, ao passo que a alegria não depende da ocasião] (“De la joie et du réel, et de quelques autres mots” [Sobre a alegria e o real, e sobre algumas outras palavras, *La Métis*, n. 3 (“La Joie”), julho de 1990; republicada em seu livro de 2013, *Faits divers*, Paris, PUF, p. 41-52 – o trecho aqui citado encontra-se na p. 42).

⁵ ROSSET, *Le réel*, 78.

⁶ *Idem, ibidem*, 80.

⁷ ROSSET, *L'objet singulier*, 102.

⁸ ROSSET, *Le réel*, 74.

⁹ N.T.: Ver ROSSET, *La force majeure*, 20.

¹⁰ ROSSET, *Le monde et ses remèdes*, 165. N.T.: 2. ed., p. 157. No original, “*aveuglante lucidité*”.

¹¹ ROSSET, *Le réel*, 66.

¹² *Idem, ibidem*, 69.

¹³ *Idem, ibidem*, 70. N.T.: “[...] *due à la mort*”. O autor adaptou de modo a incorporar em sua própria sentença a expressão original de Rosset “*dus à la mort*”. A fim de evitar uma incorreta interpretação de que haja qualquer relação causal, ou de condição a consequência, entre morte e existência, a tradução verteu *due* como “destinada” e não como “devida”. É nesse íterim que Rosset remete ao pensamento 63 de Horácio na *Arte poética*: *Debemur morti nos nostraque* – estamos destinados à morte, nós e tudo que é nosso. Então, explica Rosset: “Isso que morre é mesmo eu, mas também tudo aquilo de que esse eu se instruiu e de que se nutriu”.

¹⁴ ROSSET, C. *Savoir philosophique, savoir de la mort. Annales de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Nice* - n. 32: Le savoir philosophique. Paris: Belles Lettres, 1977. p. 131-138.

sobre a morte. A *graça* no sentido jurídico, mágico, estético e teológico. A *graça* como um “auxílio inesperado” ou como “a superação [*levée*]¹⁵ final do malefício”. A *graça*, acima de tudo, como um *presente gratuito* que nos é dado “em acréscimo”¹⁶. Mas Rosset enfatiza que há algo “que resume toda a potência da *graça* sem que quanto a isso, no entanto, se tenha de questionar uma indefinida instância sobrenatural”¹⁷.

Essa força não sobrenatural, “porém não menos misteriosa”¹⁸, é a alegria [*l'allégresse ou la joie*]. A alegria é uma *graça* que nos ensina a amar o real. A alegria é uma *graça* que nos permite degustar “uma existência efêmera, perecível, sempre mutante [...]”¹⁹. Somente a alegria nos permite degustar “o sabor da existência”, que é “o do tempo que passa e muda”²⁰. Unindo “alegria” e “existência”, Rosset culmina em uma *filosofia da alegria de viver*, sendo a alegria a única força “ordinária” [*courante*] capaz de afrontar o trágico da vida.

A felicidade

Podemos dizer que há um pensamento sobre a felicidade em Rosset? *Sim*, se à felicidade se vincula “a vivacidade da alegria de viver pelo alegre reconhecimento [*reconnaissance joyeuse*] do caráter efêmero da vida”²¹. *Não*, se essa felicidade nos remete a algum “otimismo” com relação à existência. À felicidade romântica, idealista, Rosset opõe a felicidade trágica, “veloz e inelutável”²².

O filósofo mais indicado para ilustrar esse gênero de felicidade louvada por Rosset é Friedrich Nietzsche. O Nietzsche do livro IV do *Zaratustra*, que fala no “Canto ébrio”: “*Lust ist tiefer noch als Herzeleid*” (“A alegria pesa mais do que a tristeza”)²³, ou antes o Nietzsche das páginas [iniciais] do *Caso Wagner* (1888) consagradas a *Carmen*. Rosset, em *A força maior*, cita as palavras de Nietzsche que descrevem a música “seca e límpida” de Bizet: “*Ihr Glück ist kurz, plötzlich, ohne Pardon*” (“sua felicidade é breve, repentina, sem perdão”)²⁴. Essa é a única felicidade admirada por Rosset, uma felicidade que se deixa atravessar pela crueldade, a brusquidão e a brevidade da existência.

¹⁵ N.T.: A tradução procura verter a palavra *levée* sem que se perca a dimensão tragicamente *positiva* dessa abolição, revogação, supressão, pois o malefício, a morte inclusa, não é de modo algum “aniquilado”, mas *admitido*.

¹⁶ ROSSET, *Le réel*, 76.

¹⁷ *Idem, ibidem*, 77.

¹⁸ *Loc. cit.*

¹⁹ ROSSET, *La force majeure*, 20. N.T.: Trad. br., 20.

²⁰ *Loc. cit.*

²¹ Clément Rosset, entrevistado por François Poirié, “Une jubilation tragique”, 57. N.T.: Entrevista realizada por ocasião da recente publicação de *O princípio de crueldade*, traduzido para o português por José Thomaz Brum e, atualmente, com edição esgotada.

²² N.T.: Cf. ROSSET, *La force majeure*, 48 (trad. br.).

²³ Essa sentença de Nietzsche, frequentemente mencionada por Rosset, aparece, por exemplo, em *Le choix des mots* [A escolha das palavras], p. 107. N.T.: Trata-se da sentença final do §8, cujo teor é tornado mais claro na versão oferecida por Brum. É significativo que as entrevistas de Rosset com Alexandre Lacroix tenham sido reunidas em livro precisamente sob o título *La joie est plus profonde que la tristesse*.

²⁴ NIETZSCHE, *Der Fall Wagner*, 15. N.T.: Ver “Sobre Nietzsche, Nietzsche e a música”, in ROSSET, *La force majeure*, p. 47-48 (trad. br.). Rosset retoma o assunto a partir da mesma citação ao final da primeira parte de *O princípio de crueldade*, intitulada “O princípio de realidade suficiente” (ROSSET, C. *O princípio de crueldade*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 27).

Referências

- NIETZSCHE, F. *Der Fall Wagner – Ein Musikanten-Problem*. Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden. KSA 6. Hrsg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Munique: de Gruyter, 1980.
- ROSSET, C. *La philosophie tragique*. Paris: PUF, 1960.
- ROSSET, C. *Le monde et ses remèdes*. Paris: PUF, 1964. (2. ed. 2000).
- ROSSET, C. *Le réel: traité de l'idiotie*. Paris: Minuit, 1977.
- ROSSET, C. *L'objet singulier*. Paris: Minuit, 1979.
- ROSSET, C. *La force majeure*. Paris: Minuit, 1983. [trad. br.: *Alegria: a força maior*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.]
- ROSSET, C. *Le choix des mots (suivi de La joie et son paradoxe)*. Paris: Minuit, 1995.
- ROSSET, C; MAUNOURY, J.-L. De la joie et du réel, et de quelques autres mots. *Atelier Clément Rosset*, 2008. Disponível em: <http://pierre.campion2.free.fr/rosset_maunoury.htm#_ftn1>. Acesso em: 13 fev. 2020.
- ROSSET, C.; POIRIÉ, F. Clément Rosset: une jubilation tragique. *ArtPress*, Paris, fev. 1989.